



ESTEBAN, M. P. S.. **Pesquisa Qualitativa em Educação: fundamentos e tradições.** Porto Alegre: AMGH, 2017.

Miriam Ferrazza Heck*

A obra *Pesquisa Qualitativa em Educação: fundamentos e tradições*, de Maria Paz Sandin Esteban, tem como intenção apresentar todos os aspectos ontoepistêmicos e metodológicos pertinentes à pesquisa qualitativa. Traz considerações e reflexões relevantes à pesquisa no âmbito acadêmico, contribuindo com a fundamentação do pensamento metodológico e indicando os caminhos para uma compreensão mais profunda das práticas da pesquisa educacional.

A autora considera que o conhecimento científico em educação envolve a concepção de ciência na história cultural do Ocidente anterior ao século XVII, que era considerada como sendo um saber seguro, fundamentado em demonstrações, cujos conhecimentos apresentavam-se de forma ordenada. Os séculos XVI e XVIII foram um período de numerosas descobertas que reorientaram os pensamentos e configuraram grande parte da visão do mundo, conhecido como “revolução científica”.

O postulado de que o mundo estava matematicamente organizado foi a base de toda a ciência e a filosofia do século XVII, período marcado por debates a respeito do que na época denominava-se “método científico”, ou seja, conhecimento comprovado. A partir do século XVII até Kant, os filósofos europeus integraram duas grandes correntes, que se desenvolveram de forma paralela: o "racionalismo", em que se figuram os pensamentos, sendo uma doutrina filosófica em que se defende que o critério da verdade não é sensorial, mas intelectual e dedutivo. Por sua vez, o "empirismo" é representado pelos autores ingleses que defendiam como forma de conhecimento a comprovação minuciosa dos fatos naturais mediante observação, ou seja, através da experiência.

O enfoque positivista da ciência cujas hipóteses recolhidas pelo famoso círculo de Viena, para o qual a “verificabilidade” passa a ser o critério para distinguir as ciências empíricas de outros tipos de saber, tiveram grande influência da epistemologia da ciência de todo o século XX. Dentre os princípios da epistemologia contemporânea, destaca-se o falsificacionismo de Popper, o qual é conhecido como um dos filósofos da ciência mais importantes do século XX, com suas teorias do realismo crítico. As teses mais relevantes são crítica ao indutismo; afirmação de que a afirmação não está livre de pressupostos teóricos; estabelecimento de um novo critério de demarcação científica, a falseabilidade.

Em relação ao relativismo na demarcação da ciência, Esteban (2017) menciona a clássica definição de paradigma como sendo, um conjunto de realizações científicas consensualmente reconhecidas. Neste contexto, um paradigma pode ser considerado tudo

* Graduada em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Especialista em Metodologia de Ensino de Matemática pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Mestra em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Franciscana. Doutoranda em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Luterana do Brasil.



aquilo que os membros de uma comunidade de cientistas compartilham: uma constelação de crenças, valores e técnicas, por um lado, e de solução de problemas, por outro, que servem para a resolução de problemas ainda não resolvidos, que constituem o ponto de partida da pesquisa. Na pesquisa, o paradigma se usa por consenso não devido às justificativas que obriguem a fazê-lo, e a pesquisa o usa sem tentar sua justificção.

A expressão pedagógica experimental cedeu lugar paulatinamente a outras denominações, como metodologia da pesquisa educacional, fundamentos metodológicos da pesquisa educacional, ou, mais genericamente, pesquisa educacional. A partir dos anos 1980, encontramos um uso sistemático e muito amplo do termo pesquisa educacional entre os profissionais, que pode ser identificado nas numerosas publicações que o utilizam.

A pesquisa educacional está integrada ao conjunto das ciências da educação que, por sua vez, se inserem nas ciências humanas e sociais. A “pesquisa educacional” é considerada uma disciplina angular no marco das ciências da educação. Pode-se observar que diversos autores concordam que os primeiros 30 anos do século XX representaram um período em que a pesquisa educacional se desenvolveu a partir de uma perspectiva nitidamente quantitativista, que pode se estruturar em importantes áreas do conhecimento: a teoria estatística, provas e métricas, os relatórios e pesquisas administrativas, o desenvolvimento e avaliação do currículo.

A pedagogia enquanto ciência desenvolveu-se por meio do método experimental, a qual se constitui como o marco geral que tornou possível o nascimento da Pedagogia Experimental, embora progressivamente fossem aparecendo novas correntes de influência. A partir dos anos de 1980, iniciou-se outro período, que continua até hoje, e a pesquisa em educação passou a ser amplamente conhecido no currículo vigente das instituições educacionais de distintos países.

O debate pesquisa quantitativa *versus* qualitativa perdeu o vigor, e a maioria dos autores encontra-se em uma postura integradora e de complementaridade. Os métodos qualitativos, por sua parte, entraram com força no panorama da pesquisa e apareceram disciplinas opcionais, e também obrigatórias, em alguns planos de estudos sobre pesquisa qualitativa. Nessa fase aparecem novos softwares, assim como, o amplo uso das ferramentas da informação, passando a exigir dos pesquisadores uma formação continuada.

O conhecimento científico dominante foi inspirado na Física empírica e na Matemática Newtoniana, modelo que se difundiu em outros âmbitos de pesquisa; constitui um modo de pesquisa responsável e reflexivo, preocupado com as consequências da própria pesquisa com a participação de diversos pesquisadores. Por sua vez, cabe observar que a pesquisa educacional enfrentou a mudança de uma sociedade industrial para uma sociedade de informação, fatores que contribuíram com a crise do Estado de bem-estar e a emergência do multiculturalismo como abordagem crítica em um mundo marcado pela pluralidade.

No entanto, entram em crise dois dos grandes postulados da Epistemologia da Ciência: a busca de um critério de marcação entre ciência e não ciência, a dicotomia entre teoria e observação e a escola construtivista dos anos 1980, que considera que o conhecimento científico era fabricado e não descoberto. Neste sentido, a ciência era considerada, acima de tudo, uma atividade não apenas descritiva, explicativa, preditiva ou compreensiva.

Torna-se importante identificar algumas dimensões relevantes que caracterizam na atualidade a pesquisa educacional, as quais são: dificuldades relacionadas com a participação em processos de pesquisa; resistências detectadas diante de processos de pesquisa educacional; problemas relacionados com o desenvolvimento profissional docente. Existem também outras dimensões que devemos contemplar no panorama atual da pesquisa educacional, que estão relacionadas com as mudanças que a educação enfrenta no novo milênio, assim como as



dimensões que perfilam a direção da pesquisa em educação na atualidade, considerada a partir de um enfoque social. As questões de mudança social e cultural estão afetando o panorama da pesquisa educacional. A integração ou complementaridade paradigmática relaciona-se com a aproximação das principais controvérsias epistemológicas e metodológicas relacionadas com a pesquisa educacional considerada a partir de um enfoque paradigmático, “pesquisa quantitativa” *versus* “pesquisa qualitativa”

As características essenciais do conceito “paradigma” derivadas das definições anteriores, e outras similares, são: maneira de conceber e interpretar a realidade; visão do mundo compartilhada por um grupo de pessoas e, portanto caráter socializador; utilização das estratégias empíricas que forem consideradas mais adequadas segundo o modelo conceitual em que está baseada. Neste sentido, a dimensão ontológica se refere à natureza dos fenômenos sociais. A dimensão epistemológica nos leva às seguintes questões: como é possível conhecer e comunicar o conhecimento; a dimensão metodológica significa uma preocupação com o modo pelo qual o indivíduo cria, modifica e interpreta o mundo em que se encontra.

Nos últimos anos, houve grande esforço para sintetizar a diversidade metodológica da pesquisa social em geral e educacional em particular. A variedade de enfoques, a articulação de métodos e a emergência de novas realidades que demandam uma aproximação multidisciplinar à realidade revelaram a dificuldade de sintetizar essa riqueza em poucas linhas paradigmáticas. Desta forma, destacam-se os três “paradigmas” na pesquisa: a perspectiva empírico-analítica, de base positivista-racionalista (paradigma positivista/ pós-positivista); a humanístico-interpretativa, de base naturalista-fenomenológica (paradigma interpretativo); a crítica, com base na tradição filosófica da teoria crítica (paradigma sociocrítico).

Neste contexto, são enfatizados os elementos de colaboração e a participação com as comunidades no desenvolvimento dos estudos, a responsabilidade social, pessoal e política da comunidade científica e dos próprios pesquisadores, que devem refletir sobre a incidência e as repercussões de seus trabalhos. Além disso, resgata as vozes tradicionalmente omitidas nos processos de pesquisa e põe sobre a mesa os aspectos éticos e morais do ato de investigar.

Após ser conhecida e superada, a polêmica entre os dois paradigmas de pesquisa predominantes (o representado pela tradição positivista e enfoque interpretativo) gerada nas últimas décadas foi chamada debate quantitativo-qualitativo, indicando a dicotomia entre a pesquisa quantitativa e a pesquisa qualitativa.

Entre os elementos para superar o debate quantitativo-qualitativo encontram-se os seguintes: distinguir as possíveis dimensões ou os campos do debate, pois não existe uma correspondência linear unívoca entre as dimensões; não confundir o debate paradigmático com o debate quantitativo-qualitativo; aprender uns com os outros; flexibilizar as diferenças entre métodos e técnicas quantitativas e qualitativas; deve-se chegar a uma integração de preocupações e soluções metodológicas.

A proposta de um pluralismo integrador é amplamente aceita na comunidade, e percebemos que as controvérsias giram em torno da possível incomensurabilidade e incompatibilidade das perspectivas epistemológicas e teóricas. Há a existência de um amplo consenso quanto a integração de métodos pode ser verificada na estrutura, no conteúdo e no enfoque adotados em numerosas publicações sobre pesquisa social que apareceram nos últimos anos.

Neste contexto, é apresentada a existência de três posturas básicas: a de incompatibilidade entre paradigmas que competem de maneira irreconciliável; a de complementaridade entre paradigmas que, embora de base oncológica e epistemológica



distinta, se baseiam e se complementam no processo de pesquisa; a da unidade epistemológica da ciência na qual não se aceita a existência de diversos paradigmas. A primeira, incomensuráveis; a segunda, diversidade complementar; a terceira, a tese de unidade.

A legitimidade da integração de métodos depende da resposta de duas questões: a intencionalidade do vínculo entre paradigmas ou metateorias e técnicas de pesquisa e o grau em que os atributos de um paradigma estão indissolúvelmente unidos. Por sua vez, o discurso da integração metodológica supera o da incompatibilidade paradigmática.

Recebido em julho de 2019.

Aprovado em outubro de 2019.